



## **Torpor na aurora**

***Torpeur à l' aurore***  
***Torpor at dawn***  
***Letargo al amanecer***

Received on 09/02/2022 Approved on 11/02/2022

**Henry Pierre Jeudy <sup>1</sup>**

**Elane Ribeiro Peixoto<sup>2</sup>**

**Alice Maria de Araújo Ferreira<sup>3</sup>**

**Albertina Vicentini <sup>4</sup>**

<sup>1</sup> **Centre national de la Recherche Scientifique, Maison de Sciences de l'Homme. Paris, Ile de France, França.**

<sup>2</sup> **Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, Distrito Federal, Brasil**  
**elanerib@hotmail.com**  
**ORCID: 0000-0001-9998-3438**

<sup>3</sup> **Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Brasília, Distrito Federal, Brasil**  
**malice4869@gmail.com**  
**ORCID: 0000-0003-4113-1173**

<sup>4</sup> **Pontifícia Universidade de Goiás, Departamento de Letras. Goiânia, Goiás, Brasil**  
**albertinavicentini61@gmail.com**  
**ORCID: 0000-0002-5094-3627**



### **Nota das tradutoras**

Henri-Pierre Jeudy é sociólogo, desenvolveu sua carreira como pesquisador do Centre national de la recherche scientifique e da Maison de Sciences de l'Homme em Paris. Seus trabalhos sobre memória social e suas reflexões sobre o patrimônio cultural repercutiram entre os pesquisadores brasileiros, ensejando diálogos profícuos. Ao lado de seus trabalhos acadêmicos, Jeudy tem um percurso pela literatura, onde experimenta fusões entre sua formação teórica e suas experiências pessoais, resultando em textos-relatos como os publicados em *Percorrer a cidade* (2010) [*Parcourir la Ville*, 2002] e este, *Torpor na aurora* [*Torpeur à l'aurore*, 2020] que ora traduzimos.

Neste pequeno texto, a morte é um centro de gravidade, em cuja órbita flutuam imagens memoriais, sensações corporais... temas sobre os quais nosso autor se debruçou. Nossa tradução continua uma parceria estabelecida há algum tempo, uma parceria intelectual selada pelos laços da amizade. Buscamos com a tradução de *Torpeur à l'aurore* [Torpor na aurora] nos posicionarmos eticamente diante de seu autor. Não iremos aqui discutir as importantes questões sobre a tradução e seus embates teóricos. Todavia, esclarecemos que nos pautamos pelo entendimento de que as traduções são diálogos entre culturas, um movimento que implica o sair de si em direção ao outro para, depois, retornar a si modificado (BERMAN, A. 2002). Elas também se situam entre o ofício e a arte, porque não traduzimos só discursos, mas também uma forma. Com esta disposição nos dirigimos ao encontro de Henri-Pierre Jeudy.

**Palavras-Chave:** Corpo, Imagens memoriais, morte.



## Torpor da aurora

Henri-Pierre Jeudy

Por que cada manhã, quando desperto, que vejo os primeiros brilhos do dia, penso numa aurora futura onde não terei mais a força necessária para me levantar? Me pergunto como se impõe docemente no meu corpo inteiro a preguiça de viver. Somente a embriaguez da memória e suas incoerências me fazem esquecer a inércia, como se vagar não fosse mais que um sonho de viagem no tempo. Alguns formigamentos nos meus pés me lembram que eu poderia, talvez, andar. Os cantos dos pássaros começam, a cacofonia deles espanta o silêncio da noite. Não sinto mais a grossura da minha barriga. Teria perdido toda a sensação de meu volume? Sempre gostei de fingir perder o centro de gravidade do meu corpo para tentar reencontrá-lo a partir de marcos exteriores. Sem nenhum recurso à minha vontade, como se meu equilíbrio estivesse nascendo.

Quando o frio provoca o desejo de não se mexer embaixo das cobertas, o calor crescente se liga à preguiça, que acaba destruindo a intenção de "fazer um gesto". Essa paralisia divide meu corpo, embalando reações musculares de seus membros. Imitando uma progressão de coragem, ela garante o ritmo de um revés para a sonolência. Posso divagar como um louco, acabo, enfim, de perder o juízo, nem o tempo nem o espaço me impõem limites. Se a morte fosse representada por esse estado do corpo, qualquer um seria tentado a "passar a arma para a mão esquerda", apenas para provar as delícias de uma expectativa sem amanhã. Flutuar e não se preocupar em levantar. Fechar os olhos. Ou os abrir. Na indiferença à cegueira.

O mundo é feito das imagens do momento, e estas, eu nem as vejo chegando, elas parecem sempre ter estado lá. Mas, no entanto, não as reconheço; são elas que me sinalizam já ter encontrado o meu olhar. Tenho até a impressão de que elas estão piscando para mim, que, obviamente, estão procurando minha cumplicidade. À medida que pequenas câibras desaparecem das minhas pernas, pouco a pouco elas dão à luz ao mundo se ordenando para dar a aparência de uma narrativa. Quando estou parado, meu coração bate mais rápido. Sua inquietação excessiva vem curiosamente da quietude do meu corpo. É a falta de intenção de "fazer um gesto" que o irrita? A violência interna de seu desarranjo me deixa mais letárgico ainda: não me mexo mais, escuto o eco de seus batimentos acelerados que ressoam no meu peito. As imagens desapareceram de repente, sem mesmo deixar traços; resta apenas o barulho surdo desta arritmia cardíaca para me lembrar a vida.

Onde posso ir se não consigo fechar as pálpebras para sair? Sonhar com a doçura da ausência, quando se dissipa o inconveniente da paralisia. A distância não se representa. A distância faz com que os pontos de fuga fiquem agitados. E a perspectiva inversa derruba os objetos. Redescobrir o sentido da visão a partir do teto branco, procurar por uma rachadura tão pequena quanto é uma inscrição numa página em branco. Retornar ao nada que dá origem à imagem. No céu, acima da janela, uma nova claridade sinaliza o adiamento do amanhecer.

Uma forma que avança, uma forma que toma consistência à medida que se aproxima. Ruptura imediata da visão, a forma desaparece, torna-se uma sombra animal que se evapora na luz. O desejo louco de não se levantar, de ficar "colado à cama", de se render à impossibilidade mental de "sair da cama", de cochilar indefinidamente na hora errada. Imagino retornar do "reino da morte", dar alguns passos em torno da cama como se eu aprendesse a andar.

Pela janela da esquerda, vejo os traços de outras sombras noturnas desaparecendo, escuto o eco de uma voz macabra interrompida pelos gritos de criança como contrapontos alegres que começam a ritmar minha respiração enquanto perseguem os últimos esboços de ressonos. Antes de sair da noite, tive a impressão de atravessar um campo de ruínas majestosas cujas alturas variadas lembram os picos de catedrais permanecidas por muito tempo engolidas pelo mar. Por que me obstino a construir ainda um quadro antes de abrir os olhos, antes de ver o dia? Seria capaz de preencher o vazio com imagens para fazer o mundo existir? Poder inútil, pois o mundo não precisa de mim para existir.

Passar por esta porta, ir para o "outro lado", refazer meus passos, se deixar pegar na armadilha esperada da razão que ordena significado. E as pálpebras se fecham com um grito absurdo. Não vale a pena o esforço. Será necessário recomeçar. Há cada vez menos galos para anunciar a aurora. As cenas dos anos de infância assumem um ar de futuro já passado. Elas reconstituem seus próprios



detalhes, porque nada é esquecido. Elas fabricam o ornamento para o acaso do amanhã. Um futuro de cabeça para baixo, um futuro que não se esgota em restabelecer a ordem das coisas. Interior da França, 1815, alguns granadeiros de Napoleão se refugiaram no quintal para restabelecer a ordem das coisas. Um artista pinta uma foto ao lado da minha cama; ele coloca o cavalete perto do grande armário. Ele se vira para mim, levanta o braço direito, abre o dedo indicador e o polegar, coloca-se em posição de avaliar à distância a medida da minha cabeça; eu me levanto, vejo a forma do meu rosto próxima à de um sargento que possui um mosquetão - não quero entrar na História, teria que conseguir contar a ele, a esse artista que não pediu minha opinião. Eu pensei que gostava do *Petit Caporal*<sup>1</sup>. O amor em massa chama a morte em massa. Na época, havia neve por todo o campo. Eu tenho que começar dizendo "naquela época" para evitar confusão. É uma maneira de dar a impressão de "remontar o tempo" enquanto remontando o mecanismo de um relógio, perpetuamos o tempo, garantimos sua duração. O pintor me fez um nariz muito largo. Não gosto dele. Noto que não tem a intenção de retificar o que considero como um erro intencional. Por que o pintor zomba de mim? A imagem desaparece de repente como um cliché retirado da minha vista por uma mão desconhecida.

Descarto a ideia que se impõe de que não conseguiria mais me levantar, que não colocaria mais os meus dois pés no chão. Eu a descarto porque ela tira meu prazer de imaginar que minha posição horizontal é idêntica à minha posição vertical. Sempre que via uma cama-armário, pensava que, se ela não abrisse, seria a parede que, por outro lado, abaixaria. O nó da questão - a conquista da indistinção entre a vertical e a horizontal - não era outro senão "a evanescência da carga ponderada", a cama tombando para retornar a sua posição inicial. Somente os gordos são naturalmente predestinados a viver uma tal experiência.

Quando me levanto à noite para ir ao banheiro, atravesso o corredor da antessala e, todas as vezes no escuro, antes de empurrar a porta, viro minha cabeça em direção a uma escultura sob um sino colocada em um móvel encostado na parede, estou convencido de que ela está me observando, até acredito que ela está me chamando. Saio um momento depois, vejo-a de frente, ainda inquietante, a cabeça dessa mulher louca e seu vestido bufante. Me vem a brusca certeza de poder colapsar lá no campo, de agonizar sem conseguir emitir um grito. Uma vez, minha mulher me confessou que essa escultura de terracota ela a havia desenhado no pior momento de sua vida, quando pensava que estava perdendo meu amor. Cruzar em plena noite com a expressão do desespero do abandono nesta vasta antecâmara só pode me dar vontade de me refugiar na minha cama e negar o mundo. Toda a história do mundo. Não tenho mais vontade de abrir os olhos, a noite absoluta absorve as sombras da morte.

Os céus se sucedem, entrelaçam-se para eclipsar o brilho ofuscante da lâmpada de cabeceira. As cores da noite nem sempre se combinam com a cor do tempo cujo nome não sabemos. Elas a desviam e a contornam até o amanhecer. Domar a morte, sorrindo para ela e dizendo que ela deve me deixar ir mais longe. Apaziguá-la, mostrando que eu ainda sou apenas uma criança. Convencê-la a voltar mais tarde sem aviso prévio. Ela não precisa mais se anunciar. Ela é enganada por sorrisos que me dão a vida. Ela se põe a cantar 'quem será, será', escuto sua voz levemente rouca. Por que não consigo representar o que seria o tom de sua voz? O sorriso de sua voz, a vibração das palavras, as respirações levadas pelos sons que saem de sua garganta adormecida. Tudo o que preciso fazer é baixar as pálpebras para entrar no limbo orgânico, uma paisagem dos vivos de onde nasce a aspiração. Reconhecer ainda o instante em que o limiar da existência é precedido por um sopro de ar que salva.

Os mistérios continuarão a suscitar perguntas não respondidas, o interrogatório, no ritmo de sua falta de ar, encontrará essa tranquilidade de uma solicitação de vida. Mas nada pode revelar o que está em vias de ser.

---

<sup>1</sup>Apelido dado a Napoleão pelos soldados durante a campanha na Itália (1779-1800), indicava o desejo deles de atribuir uma nova patente a cada batalha vencida pelo seu chefe, a começar do posto mais baixo. Posteriormente, a expressão adquiriu um sentido pejorativo significando um chefe menor com tendências autoritárias sem poder para realizar sua vontade. ([atilf.atilf.fr/dendien/scripts/tlfiv5/search.exe?23;s=3643189335;cat=1;m=petit+caporal](http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/tlfiv5/search.exe?23;s=3643189335;cat=1;m=petit+caporal;))



## 2. Referências bibliográficas

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**: Cultura e tradução na Alemanha romântica. Trad. Maria Emília Chanut. Bauru, São Paulo? EDUSC, 2002.

JEUDY, Henry-Pierre. **Percorrer as cidades**. Trad. Elane Ribeiro Peixoto e Albertina Vicentini. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

## 3. Tradutoras

### Elane Ribeiro Peixoto

Professora de História da Arquitetura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Vice-líder do grupo de pesquisa “Cidades Possíveis”. Suas pesquisas centram-se sobre os debates teóricos sobre a cidade contemporânea, incluindo seu patrimônio e representação.

**Contribuição de autoria:** Tradução, Revisão e Edição.

### Alice Maria de Araújo Ferreira

Professora do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. É líder do grupo de pesquisa “Tradução Etnográfica e Poéticas do Devir”, onde desenvolve pesquisas sobre as escritas tradutórias e o multilinguismo em textos etnográficos, literários e filosóficos.

**Contribuição de autoria:** Tradução, Revisão e Edição.

### Albertina Vicentini

Bacharel em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Goiás e doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado (Literatura e História) pela UnB. Atua principalmente nos temas: crítica literária, literatura, literatura brasileira, literatura regionalista, história, identidade e nação, narrativa histórica, arte, cultura, patrimônio. Trabalha ainda com teatro e cinema.

**Contribuição de autoria:** Tradução, Revisão e Edição.

**Como citar:** PEIXOTO, Elane Ribeiro, FERREIRA, Alice Maria de Araújo, VICENTINI, Albertina. Torpor na aurora. *Revista Paranoá*. n.32. Jan/Jun de 2022. DOI: <http://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n32.2022.03>

**Editora responsável:** Carolina Pescatori